Proletários de todos os países, uní-vos !

A CLASSE OPERÁRIA

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 83 Março de 1974 Ano IX

RESISTÊNCIA INTRÉPIDA

Desde que se iniciou, em abril de 1972, a resistência armada de moradores da margem esquerda do Araguaia aos arbítrios e aos ataques das tropas da ditadura, tornou-se evidente a importância do acontecimento para a luta democrática e antiimperialista no Brasil. Cada dia, cada mês, cada ano esta resistência adquire relevo especial. E isto não é fortuito. Ela está marcada pelo sangue ardente e generoso de alguns dos melhores filhos do nosso país, representa indizíveis sacrifícios, sofrimentos sem conta, vontade firme de um pugilo de bravos guerrilheiros e de gente humilde, trabalhadora, tenaz, valorosa, de uma das regiões mais pobres e abandonadas do interior brasileiro, lindeira da Amazônia, cobiçada por magnatas nacionais e estrangeiros. É epopéia comovente, exemplo de coragem que abre perspectiva brilhante ao movimento popular pela liberdade e a independência nacional.

O regime dos generais fascistas viu o alcance e sentiu o perigo da guerrilha do sul do Pará e tratou de sufocá-la usando os meios mais brutais. Enviou milhares de soldados para massacrar os guerrilheiros. Cometeu violências de toda a espécie contra os moradores da área. Impediu a menor notícia sobre o que lá se desenrolava. Apregoou que os militares faziam apenas manobras e uma operação contra marginais e terroristas. Apesar de todo o aparato bélico mobilizado, das atrocidades praticadas e das mentiras difundidas, a ditadura fracassou em suas primeiras investidas criminosas. A resistência armada não foi debelada. Ao contrário, firmou-se e obteve o apoio de novos setores da população.

Agora, o povo brasileiro recebe novo comunicado das Forças Guerrilheiras do Araguaia com a denúncia de que as forças armadas da ditadura promovem uma terceira e feroz campanha visando ao aniquilamento da luta popular naquela região e, ao mesmo tempo, com o apelo em favor de maior apoio à causa pela qual se batem. As tropas do Exército, em colaboração com a FAB, estão praticando violentas tropelias contra as pessoas simples dos povoados, currutelas e pequenas cidades: pancam, humilham, torturam e prendem boa parte da população, removem os detidos para prisões distantes, não fazendo distinção entre homens, mulheres e crianças. Queimam casas, arrasam roças, destróem tudo o que podem. Procedem da mesma forma que outrora em Canudos, no Contestado e em outros lugares contra camponeses e trabalhadores que ousaram levantar-se em defesa de seus direitos, em prol de liberdade e justiça.

Para exterminar os que se atreveram a empunhar as armas, os generais prepararam grande quantidade de tropas especializadas e não economizaram recursos a fim de atingir seus sinistros objetivos. Procuram cercar os guerrilheiros dentro da mata, atacá-los e eliminá-los. Esta fúria repressiva, bestial, covarde, insidiosa e perversa está na tradição e na lógica das Forças Armadas das classes dominantes, sobretudo do Exército, que tem como patrono Caxias, carrasco do povo. Euclides da Cunha já mostrara os crimes desse Exército em Canudos. Atualmente, as forças populares são testemunhas de quantas vilezas e barbaridades os militares da reação realizam com o objetivo de salvaguardar a ordem e os interesses dos latifundiários, da grande burguesia associada aos trustes estrangeiros e dos imperialistas ianques.

A atual ofensiva da ditadura contra as Forças Guerrilheiras e os moradores do Araguaia foi, sem dúvida, urdida por Garrastazu Médici. Quando se ergueu a resistência armada do sul do Pará, os generais resolveram esmagá-la a ferro e fogo. Se antes não toleravam qualquer indício de protesto ou de manifesta oposição como admitir tamanha ousadia? Era necessário impedir que o exemplo vingasse. Tu-

Continua na página 2

Continuação da 1ª página

do fariam no afã de provar que a luta armada popular é inviável e que as massas devem conformar-se com o regime de terror e opressão existente no país. Médici e sua camarilha sentiram que seus desígnios estariam ameaçados caso não pudessem apresentar a liquidação da guerrilha como mais uma vitória e um trunfo político para justificar seus métodos sanguinários de governo. Mas as Forças Guerrilheiras não foram liquidadas e prosseguem destemerosas na luta em defesa dos interesses do povo trabalhador e dos anseios democráticos dos brasileiros. Esse o testemunho mais eloquente de que a causa pela qual se empenham é justa, corresponde efetivamente às mais legítimas e profundas aspirações das grandes massas e de amplos setores e círculos políticos e sociais.

Diante da nova ofensiva das tropas da ditadura, o comunicado dos combatentes da selva afirma que eles enfrentam, há mais de dois meses, um combate difícil e desigual e que, apesar das dolorosas perdas sofridas, não desistirão, continuarão na luta, pois contam com a simpatia e a ajuda das populações pobres da zona onde atuam, as quais foram despertadas e acenderam em seus corações o ardor pela liberdade.

Saudamos os intrépidos guerrilheiros do Araguaia e reverenciamos os que tombaram heroicamente. Avaliamos quão alto será o preço a pagar pela conquista dos direitos, da justiça e do bem-estar de nossa gente. Já sabíamos quanto isto custara a outros povos e, mais recentemente, aos vietnamitas e aos cambojanos que ainda não terminaram seus sacrifícios. O caminho da libertação do povo brasileiro não pode ser outro. Estamos começando a nos por de pé, a ousar lutar. Iniciamos nossa marcha gloriosa. Os primeiros passos que estão dando os guerrilheiros do Araguaia representam uma experiência inestimável. Não podemos menosprezar nenhum dos seus ensinamentos porque o de que mais precisamos é saber lutar, aprender a enfrentar com êxito os inimigos uma vez que estes tudo farão para impedir que nossa causa logre sucesso. Na medida em que os brasileiros dominarem o manejo das armas e assimilarem a arte da guerra popular, na medida em que as massas forem mobilizadas e unidas para participar da resistência, do embate por seus interesses e pela liberdade, o povo será invencível, porque sua causa é justa.

Os comunistas procurarão fazer o máximo que estiver a seu alcance e multiplicarão seus esforços para apoiar os lutadores e a gente simples do Araguaia. Eles sentem, como própria e primordial, a tarefa de todo o povo de sustentar a guerrilha principiada exitosamente no sul do Pará. Cabe-lhes incentivar a ajuda aos combatentes da selva, torná-los mais fortes e poderosos. Urge difundir seus feitos, mostrar a justeza de suas palavras-de-ordem, levá-las à prática. Cumpre-lhes, enfim, lançar-se com audácia na ação política de massas, levantar com maior vigor ainda as bandeiras mais sentidas do povo, especialmente a da derrubada da ditadura militar fascista e da conquista de um regime de liberdade e justiça social.

A chama da liberdade, acesa com tanta bravura pelos guerrilheiros do Araguaia será mantida e refulgirá intensamente por todo o Brasil.

> "Cinquenta anos de vida, meio século de lutas, amadureceram o Partido para a revolução. Capacitaram-no, política e ideologicamente, para conduzir o povo brasileiro à vitória nos embates pela emancipação nacional, a democracia e o socialismo. O Partido Comunista do Brasil transformou-se numa combativa organização revolucionária, guiada pelo marxismo-leninismo. Nenhuma outra força no país conta com a experiência e o conhecimento que o Partido acumulou em tão longo período. Nenhuma outra é mais indicada para dirigir a revolução brasileira."
>
> (Do Documento CINQUENTA ANOS DE LUTA)

COMUNICADO Nº 8 DAS FORÇAS GUERRILHEIRAS

Publicamos a seguir o texto integral do Comunicado nº 8 das Forças guerrilheiras do Araguaia que está sendo difundido no país.

1. Está em curso desde o dia 7 de outubro uma nova campanha militar de grande envergadura - a terceira - contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia e os moradores do sul do Pará. O objetivo desta campanha é liquidar, em curto prazo, a resistência armada da população local que se vem opondo às arbitrariedades e às violências do governo. Apoiados por helicópteros e aviões, alguns milhares de soldados ocuparam cidades e povoados, assim como fazendas e sedes de castanhais da região. A maior parte dessa força é constituída de tropas especializadas em combate na selva, comandada por oficiais treinados pelos norte-americanos e dispondo de numerosos mateiros.

2. Desde que chegaram à região, as tropas federais desencadearam a mais brutal repressão contra os habitantes do lugar. Centenas de pessoas foram espancadas, humilhadas e torturadas barbaramente. Um morador de nome Frederico ficou louco com os espancamentos que sofreu. Quase todos os homens válidos foram presos e conduzidos para Marabá, Xambicá, Belém e outras cidades. Ficaram nas roças apenas as mulheres e as crianças, sendo que algumas mulheres foram também aprisionadas. O Exército queimou muitas casas. Destruiu igualmente paióis de arroz e milho, resultado do trabalho de um ano dos lavradores e único recurso que possuíam para a sua manutenção. Realizou inúmeras detenções, inclusive de comerciantes, nos povoados e na Transamazônica. Estabeleceu um clima de terror contra o povo.

3. O Exército executa um amplo cerco da área, ao mesmo tempo que envia patrulhas para penetrar na mata e esquadrinhá-la, tentando localizar e exterminar as Forças Guerrilheiras que, há vinte meses, resistem bravamente às investidas da reação. As tropas inimigas utilizam a tática de seguir o rastro dos combatentes da selva, apoiadas em guias experientes, e atacar de surpresa. Suas patrulhas são constituídas, em geral, de 11 elementos armados com metralhadoras e fuzis FAL. Algumas têm efetivos de até 20 homens. As operações contam com a cobertura de helicópteros e aviões cujas bases se encontram em fazendas das cercanias. Grupos de soldados permanecem nas imediações das roças, intimidando os que aí vivem e tentando liquidar os combatentes que delas se aproximem. Nas grotas, onde existe água, armam emboscadas. As tropas da ditadura agem como verdadeiros bandidos. A ordem é matar e não fazer prisioneiros. O corpo de um lutador foi encontrado sem a cabeça, decepada e levada pela soldadesca.

4. Apesar da enorme superioridade do inimigo e da violenta repressão contra as massas, os guerrilheiros enfrentam heroicamente, há quase três meses, a terceira campanha militar dos generais fascistas. Superando dificuldades de toda ordem, procuram resguardar suas forças, impedir sua localização e sair do cerco. Contam com a imensa simpatia do povo e estão convencidos da justeza da causa que defendem. Com coragem e elevado espírito de luta, suportam todos os sacrifícios a fim de manter viva a resistência armada do sul do Pará que alenta as esperanças da população do interior e de todo o país.

5. Durante a campanha, ocorreram vários choques, tendo havido baixas de lado a lado. As Forças Guerrilheiras do Araguaia anunciam com grande pesar a morte de José Carlos, comandante do destacamento que leva o nome da heroína Elenira; Nunes, comandante de um grupo de combate; Alfredo, antigo morador local e integrante de um grupo de ação; Sônia, combatente e assistente médica de um destacamento; e Ari, chefe de grupo. Todos estes elementos gozavam de grande prestígio entre as massas e seus companheiros de luta, eram muito estimados na região. A perda desses valorosos lutadores causou profunda

Continua na página 4

Continuação da página 3

dor e indignação em todas as pessoas honestas. Eles cumpriram com honra e até o fim seu dever de revolucionários a serviço do povo. Seus nomes ficarão gravados para sempre no coração de todos os que amam a liberdade e anseiam uma Pátria livre de opressores.

6. Por toda a parte, cresce o ódio ao Exército. As massas populares, subjugadas e maltratadas, manifestam de diferentes maneiras sua repulsa ao governo dos militares, sua enérgica condenação ao banditismo das tropas federais. Estendem-se cada vez mais a simpatia e o apoio ao Povo da Mata - como aqui são chamados os guerrilheiros - que, com desapego à própria vida, defendem os lavradores e todos os que moram na região. A cada dia que passa, a população toma consciência de seus direitos e compreende melhor que a união e a luta armada são o caminho seguro para se tornar livre e construir uma vida feliz, o único meio de alcançar a verdadeira libertação do Brasil.

7. As Forças Guerrilheiras do Araguaia apelam a todos os habitantes do Pará, Maranhão, de Goiás e Mato Grosso para que intensifiquem sua ajuda e solidariedade aos combatentes da selva e criem toda sorte de dificuldades às tropas federais. Onde for possível, é preciso assestar golpes nos inimigos e paralizar sua investida criminosa. É preciso castigar também os que auxiliarem o Exército. Estão em jogo os interesses sagrados do povo .

As Forças Guerrilheiras do Araguaia apelam igualmente para a maioria da nação brasileira, oprimida e espoliada, vivendo sob feroz ditadura fascista. É necessário multiplicar as ações de massas, nas cidades e no campo, contra o regime sanguinário dos militares, contra o entreguismo e a fome. Que todos apóiem e divulguem a luta sustentada no Araguaia.

Lutamos pela liberdade e os direitos do povo. Combatemos os tiranos e os espoliadores de nossa Pátria. Queremos que o Brasil seja livre, independente, e que o trabalho e as riquezas nacionais revertam em benefício de seus filhos e não dos monopólios estrangeiros.

Abaixo a ditadura! Abaixo os generais traidores da nação !

Morte aos que perseguem e atacam os moradores e os combatentes do Araguaia !

Viva a Liberdade !

Em algum lugar da Amazônia, 22 de dezembro de 1973

O Comando das FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA

Rádio Tirana : 31 e 42 metros (Das 20 às 21 hs. e das 22 às 23 hs)

Rádio Pequim : 25 e 42 metros (Das 19 às 20 hs.)
19,4 e 32 metros (das 21 às 22 hs.)

A Significação de Tlatelolco

Em fins de fevereiro realizou-se mais uma conferência de tipo pan-americano. Durante vários dias, em Tlatelolco, no México, reuniram-se a portas fechadas os representantes de governos dos países do Continente com o secretário de Estado dos Estados Unidos. Ao final do encontro, publicaram uma Declaração na qual se afirma que a política ali iniciada "pode ter ampla significação histórica" e que outra reunião teria lugar em abril para decidir sobre problemas comuns. Em torno dessa conferência, também denominada de "novo diálogo", as agências de publicidade norte-americanas fizeram muito alarde visando a convencer a opinião pública de que está ocorrendo positiva mudança nas relações entre a América Latina e a superpotência do Norte. E falou-se em exito dos países subdesenvolvidos, triunfo do sr. Kissinger, não faltando quem dissesse ter sido uma vitória dos povos latino-americanos.

Embora refletindo, em certa medida, contradições da América Latina com os Estados Unidos, Tlatelolco não abordou os problemas de fundamental interesse da imensa maioria dos que vivem nesta parte do Continente. É absurdo pensar que chanceleres de nações como o Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Guatemala, Salvador, Nicarágua, Haiti e outras onde existem ditaduras ferozes, expressem os anseios de seus povos. Eles representam regimes implantados precisamente para esmagar a luta democrática e patriótica que se avoluma no Hemisfério a fim de facilitar a exploração de seus países pelos imperialistas ianques. Maior absurdo ainda é admitir que os Estados Unidos estão afrouxando as amarras de seu domínio e estabelecendo tratamento igual com seus vizinhos do Sul. Os monopolistas norte-americanos são cada vez mais vorazes na espoliação e impiedosos na opressão das grandes massas populares do Continente.

A Conferência do México situa-se no quadro de reajustamentos do sistema de alianças que o governo estadunidense vem tentando realizar nestes últimos tempos. Grande parte desse sistema havia sido montado logo após a II Grande Guerra, quando os Estados Unidos voltaram o eixo de sua estratégia agressiva contra a União Soviética, então socialista, e a China Popular. Usando o pretexto do perigo comunista, Washington procurava subordinar os demais países aos seus desígnios e a sua política hegemônica. A OEA foi criada sob este prisma. Acontece que a situação se transformou. O "comunismo" soviético já não constitui ameaça. A URSS não é mais partidária da revolução e sim da contra-revolução, não é mais defensora dos oprimidos e baluarte do socialismo e sim uma superpotência exploradora e opressora de nações. Ainda que disputem entre si, Estados Unidos e União Soviética conluiam-se também para impor sua hegemonia no mundo. Por outra parte, os povos elevaram sua consciência política, procuram sacudir o jugo escravizador dos monopólios e conquistar seus direitos. A oposição ao imperialismo ianque e aos seus sequazes cresceu como nunca. Aumentaram também as contradições entre os países imperialistas. Todas estas circunstâncias exigem reajustes no sistema anteriormente estabelecido. É o que o sr. Kissinger procura fazer.

Em Tlatelolco iniciou-se o processo de reformulação da OEA, que não se destina a diminuir ou enfraquecer o domínio ianque no Hemisfério mas a dar-lhe novas roupagens. De saída, Kissinger tentou jogar areia nos olhos dos incautos. Ante a grita continental em favor da devolução do Canal do Panamá a seus verdadeiros donos, o governo dos Estados Unidos apressou-se em contornar esse problema: anunciou um novo tratado para o Canal. Em face da posição do Peru, que se recusava a aceitar as represálias da lei Hicklooper contra as nacionalizações das empresas ianques, os dirigentes da Casa Branca fizeram um acordo com os generais peruanos: estes pagaram 150 milhões de dólares pelas empresas nacionalizadas. Num e noutro caso, as concessões foram de pouca monta, não corrigem os males que afetam a soberania e a economia das nações latino-americanas. Golpe também de efeito propagandístico, ensejado pelo Departamento de Estado, foi a reunião preliminar dos chanceleres da América Latina para discutirem entre si as relações com os Estados Unidos. Esta iniciativa propiciava, de um lado, aguda querela entre os representantes latino-americanos, cada qual se julgando o menos aquinhoado com a "ajuda" externa, e de outro, dava aparência de respeito -

Continua na página 6

Continuação da página 5

aos debates por parte dos Estados Unidos, supostamente interessados numa igualdade de tratamento. Tal reunião não passou de uma autêntica "operação amaciamento" Os mais comprometidos com o patrão norte-americano trataram de quebrar as arestas da veemência nacionalista de alguns e encaminhar as soluções que convinham à Casa Branca .

No encontro conjunto, Kissinger deu as cartas. Transferiu para outra oportunidade a discussão das questões mais incômodas e manteve-se no terreno das generalidades. Mas disse o que pretendia: na reformulação em curso deviam ser conservados os aspectos básicos da OEA e do Tratado do Rio de Janeiro que, como se sabe, são instrumentos da política de controle e subjugação da América Latina. Ele foi mais adiante. Apresentou a idéia da criação de uma comunidade americana e bateu fortemente na tecla da interdependencia. A comunidade hemisférica, segundo disse, seria um dos pilares da comunidade mundial. Alegou que os problemas mais sérios já não podem ser resolvidos no âmbito de cada nação. "A interdependência é um fato e não uma escolha". E agregou: "Todos se encontram envolvidos na maré dos acontecimentos mundiais: consumidores e produtores, o rico e o pobre, o livre e o oprimido, o poderoso e o fraco". São, evidentemente, subterfúgios para justificar a dominação norte-americana. É impossível, na verdadeira acepção do termo, criar comunidades onde não existem interesses comuns. Onde há ricos e pobres, fortes e fracos, desenvolvidos e subdesenvolvidos, são os poderosos que mandam, os desfavorecidos não têm vez. A proposição do sr. Kissinger esconde, na realidade, o objetivo de assegurar a hegemonia dos Estados Unidos na América e no mundo. A verdade é que, nunca como atualmente, teve maior importância a defesa da independência nacional. Num mundo atribulado pelas agressões econômicas, políticas e militares do imperialismo, abdicar de princípios fundamentais de soberania, sob pretexto de interdependência, é converter-se em vítima indefesa do neocolonialismo. A causa primordial da difícil situação que atravessam os países atrasados reside precisamente na espoliação de suas riquezas e do trabalho de seus filhos pelo capital financeiro das grandes potências . A interdependência é a fórmula matreira para consagrar a dependência da América Latina aos Estados Unidos, quando o que os povos exigem é respeito à soberania nacional. O verdadeiro progresso e a liberdade são inatingíveis sem romper de maneira radical com o imperialismo - e em primeiro lugar com o imperialismo norte-americano e o social-imperialismo soviético - sem construir, com base nas próprias forças, uma economia voltada para os interesses da grande maioria da nação e não em proveito dos trustes e monopólios.

A Declaração de Tlatelolco é um amontoado de afirmações gerais, de frases vazias, de promessas vãs e propósitos enganadores. Aí se diz que os chanceleres "reafirmaram o princípio de que todo Estado tem o direito de escolher, sem ingerências externas, seu sistema político, econômico e social, e tem o dever de não intervir nos assuntos de outro Estado". Isto é pior que ironia contra os sentimentos democráticos dos nossos povos. Os Estados Unidos sempre intervieram, sub-reptícia ou abertamente, nos negócios internos de todos os países da América Latina. Derrubam os governos que não lhes convêm: diretamente, como na República Dominicana, ou através de seus agentes nas Forças Armadas dos países do Continente, como no Brasil e no Chile. Depois do golpe de abril de 1964, o Brasil participa também dessa torpe tarefa. Os generais fascistas estão envolvidos nas manobras que levaram à deposição de governos no Uruguai, Bolívia e Chile, sem falar no envio de tropas brasileiras à República Dominicana para esmagar, juntamente com os marines, o movimento popular ali vitorioso. Os sistemas políticos econômicos predominantes no Hemisfério, em geral antinacionais e antidemocráticos, são estabelecidos de conformidade com os interesses de Washington. A Declaração sublinha que "as relações interamericanas deverão sustentar-se sobre o alicerce de uma efetiva igualdade entre os Estados" e que "a paz e o progresso, para serem sólidos e duradouros, devem sempre se fundamentar no respeito ao direito alheio e no reconhecimento de responsabilidades e obrigações recíprocas dos países desenvolvidos e aqueles em vias de desenvolvimento". A palavra igualdade soa aqui como um sarcasmo. Que igualdade pode haver entre o pote de ferro e o pote de barro? Entre o credor, todo-poderoso, e o devedor com a corda no pescoço? Direito alheio... obrigações recíprocas... É a linguagem dissimulada para encobrir a verdadeira relação imposta pelos Estados Unidos, isto é, respeito ao capital monopolista, direito de intervir e saquear a América Latina. Aos subdesenvolvidos cabe a obrigação de proteger esse capital, evitar medidas irresponsáveis que gerem atritos com os investidores de fo

Continua na página 7

Continuação da página 6

ra. Em seu último capítulo, a Declaração destaca que os Estados Unidos "ofereceram impulsionar o desenvolvimento integral da região" em diversos campos. E relaciona algumas medidas a serem adotadas. Mas estas resumem-se em questões de menor importância, tais como: "evitar, no possível, a aplicação de novas (o grifo é da Redação) restrições ao acesso no mercado dos Estados Unidos", ou "manter, como mínimos, os atuais níveis de ajuda, apesar dos crescentes custos".

Em Tlatelolco houve discordâncias. Os Estados Unidos já não podem impor totalmente sua vontade. O grau de sua exploração é tamanho que suscita resistências e protestos mesmo entre seus comparsas e associados. Diante da controvérsia surgida com as "multinacionais" ianques na Argentina que se negavam a exportar para Cuba sem autorização do governo de Washington, Kissinger fez promessas de rever decisões. Silenciou quanto ao reclamo de alguns governantes latino-americanos que pedem o reingresso de Cuba nas organizações hemisféricas. Sabe-se, porém, que os Estados Unidos e a União Soviética buscam meios de solucionar a contento a volta do regime de Fidel Castro ao redil pan-americano. No México, alguns chanceleres manifestaram, com mais ou menor força, discrepâncias nas formas, em certos métodos, nos critérios de relacionamento com os Estados Unidos, nas barreiras por estes impostas à importação de manufaturados, no volume da "ajuda", etc., ressalvando porém, as questões básicas de manutenção da aliança e cooperação com aquele país. Não se deve, no entanto, confundir as divergências de governantes latino-americanos com as divergências de fundo, antagônicas, existentes entre os povos da América Latina e os imperialistas dos Estados Unidos. São dois tipos diferentes de contradições. As divergências dos povos - que exprimem plenamente a contradição entre as nações oprimidas do Continente e os monopolistas estadunidenses - estas não se patentearam em Tlatelolco. Estão presentes na ação revolucionária em desenvolvimento em várias partes do Hemisfério; nos protestos populares contra as ditaduras e os monopólios ianques; nas manifestações de repulsa à dominação norte-americana; na reivindicação de nacionalização, sem indenização, dos trustes dos Estados Unidos que exploram as riquezas das nações latino-americanas; na exigência de respeito à soberania panamenha sobre o Canal do Panamá e sua imediata devolução ao país onde foi construído; no reclamo de expulsão das Missões Militares ianques em atividade no Continente; na luta pela liquidação do Tratado do Rio de Janeiro e da OEA, enfim, no clamor imenso - Fora o imperialismo norte-americano! - que se estende do sul do rio Grande à Patagônia.

A conferência de Tlatelolco não pode ter nenhuma significação histórica. É a continuação, sob formas remodeladas e adaptadas às novas condições do mundo, da velha e gasta orientação de Washington destinada a manter subjugadas aos seus interesses as nações do Hemisfério. Cada vez mais endividados, dependentes, afundados numa crise crônica que se acentua, os países da América Latina não conseguirão superar suas dificuldades e avançar no caminho do progresso social senão através da revolução libertadora e democrática. Somente a revolução poderá varrer as ditaduras fascistas e os governos retrógrados sustentados pelos Estados Unidos, garantir a soberania nacional, edificar um regime de liberdade, justiça, bem-estar e felicidade para os povos desta parte do mundo.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

embora lentamente, seu nível de organização e de consciência.

Importante papel está reservado aos bóias-frias no desenrolar da luta do povo brasileiro por um regime democrático popular, seja nas cidades, unindo-se aos operários e a outras camadas progressistas da população, seja no campo, junto aos lavradores igualmente espoliados pelos latifundiários.

> "Encontram-se no campo as massas mais pobres e oprimidas do país, desprovidas de tudo. São vítimas de arbitrariedades de todo tipo, não gozam de nenhum direito. O interior está abandonado e seu atraso é secular. Existe, assim, no campo, imenso potencial revolucionário. Os camponeses estão profundamente interessados na derrubada do atual regime e na instauração de um governo realmente popular capaz de realizar profunda reforma agrária e de acabar com a difícil situação em que vivem".
>
> (Do documento CINQUENTA ANOS DE LUTA)

A DIFÍCIL VIDA DOS BÓIAS-FRIAS

(DO CORRESPONDENTE) - Nas principais cidades do norte do Paraná e do interior de São Paulo toma vulto o problema do assalariado agrícola, o denominado bóia-fria. Este é o trabalhador volante da agricultura que vive na periferia das cidades, em verdadeiras favelas e ganha por dia de serviço. Em São Paulo seu número é estimado em mais de um milhão. No Paraná atinge pelo menos a uma centena de milhar. A maioria é constituída de jovens, havendo muitas mulheres e crianças. A designação de bóia-fria provém do fato de que se alimenta de comida feita na véspera, que não pode esquentar na hora de comer. Esta refeição compõe-se basicamente de arroz e feijão (a "mistura" é uma raridade). Ao amanhecer, o bóia-fria coloca a comida numa marmita ou em qualquer vasilha apropriada, mune-se de uma garrafa com água, dirige-se para a estrada mais próxima a fim de aguardar o caminhão do "gato" (empreiteiro de trabalho a serviço de fazendeiros) e, se for contratado, participar na labuta da fazenda até o anoitecer. A viagem é feita em condições piores que a do próprio gado em direção ao matadouro. São frequentes os desastres de caminhão em que é vítima inerme. Veste-se de andrajos, com os quais procura proteger a cabeça e os pés durante a viagem e no período do trabalho. Sofre muito quando faz frio e em consequência da poeira das estradas. Se chove, não trabalha. Por conseguinte, nada recebe. Nos domingos e feriados, idem. Também na entre-safra, ou quando o serviço é concluído, em geral fica parado. Se o caminhão não passa, ele tem de apelar para qualquer outro tipo de atividade, a fim de sobreviver. Não poucos enveredam pela senda do crime ou da prostituição.

O contratador de serviço, o "gato", assim apelidado porque às vezes foge com o pagamento devido aos bóias-frias, surgiu como uma forma de os fazendeiros se eximirem de qualquer responsabilidade jurídica ou social com os assalariados. No norte do Paraná, o fenômeno é conhecido como o da fase das "fazendas fantasmas". Estas continuam a existir e a prosperar, mas seus proprietários não se comprometem de jeito nenhum com os trabalhadores. Ou melhor, oficialmente eles não mantêm qualquer vínculo empregatício nem assumem obrigações com os assalariados. O dono da fazenda combina o serviço com o "gato" e este arregimenta os bóias-frias de acordo com a natureza e a duração da tarefa a ser executada. O trabalho é intenso. Ninguém pode conversar ou distrair-se. A comissão do "gato" sobre o salário de cada bóia-fria oscila entre 20 e 50%. No entanto, suas únicas despesas são as do aluguel do caminhão e a da gasolina. Se foge com o pagamento, o bóia-fria não tem a quem recorrer, pois seu contrato é verbal. Mesmo assim, existem "gatos" que são "almas boas" para os bóias-frias. Há casos em que alguns destes são transformados em profissionais pelos referidos empreiteiros, quer dizer, em trabalhadores mais ou menos permanentes. Os "gatos" também se associam aos fazendeiros para explorar os bóias-frias no fornecimento de cereais, cachaça, cigarros, etc. que são vendidos por preços exorbitantes. Sobre seus contratados, assim se referiu um deles para a "Folha de Londrina", jornal do norte do Paraná: "A vida do bóia-fria não dá futuro (...). Sem os pais eu só trago crianças de 12 anos para cima; com os pais, eu trago até de quatro anos. Faço o que posso para ajudar as mães que não têm com quem deixar as crianças. Eu tenho pena, porque eles tomam chuva, frio..."

PROBLEMA AGUDO

O interesse pelo problema dos bóias-frias tem assim razão de ser. Este problema é parte integrante de uma das mais candentes questões nacionais - a agrária - e se relaciona com a perspectiva da luta pela emancipação social dos trabalhadores das cidades e do campo.

Sucedem-se relatos, pronunciamentos e pesquisas sobre as condições de vida e trabalho dos bóias-frias. Os jornais das regiões onde predominam trazem constantes reportagens e formulam algumas denúncias sobre os baixíssimos salários percebidos por esses trabalhadores, assim como a respeito dos maus-tratos que lhes são infligidos. O deputado estadual Lázaro Dumont, da ARENA, camponês rico, presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais do Paraná, declarou, em fins do ano passado, que o bóia-fria recebe apenas a metade do salário-mínimo oficial

e os menores de 18 anos,um quarto do salário,ou seja,uns 80 cruzeiros mensais . Acrescentou ainda que "os pagamentos dificilmente são feitos em dinheiro, pois os empregadores expedem ordens de pagamento para alguns armazéns fornecerem mantimentos equivalentes ao salário." E esclareceu:"Estes armazéns vendem alimentos a preços superiores aos do comércio local e, além disso,recusam-se a dar troco se as compras são inferiores ao total do salário;quando o fazem aplicam um desconto arbitrário de 20%.O rico deputado arenista julga que salva a face ao formular estas denúncias;mas ao preconizar,simultaneamente,medidas inócuas , na prática ajuda a engambelar os trabalhadores e contribui para que o sistema atual se fortaleça,aperfeiçoando a exploração.Já o deputado Olivir Marcondes , do MDB,considera a situação dos bóias-frias o "espetáculo mais deprimente neste país de tão decantados milagres econômicos".Embora envergonhado com o escândalo e sem nenhuma confiança na capacidade de luta dos trabalhadores,espera do governo,através do INPS ou do Ministério do Trabalho,a fiscalização do recrutamento de bóias-frias e o cumprimento,por parte dos empregadores,das determinações da Legislação da Previdência Social e do Estatuto do Trabalhador Rural.Por seu lado,a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo -FAESP- em nome dos fazendeiros,vem reclamando a falta de mão-de-obra para a lavoura e insiste em obter do governo os mesmos incentivos e favores que a indústria vem recebendo para se instalar no interior.Em decorrência dessa falta de "equidade",alegam os donos de fazendas que o número de bóias-frias diminui sensivelmente e a indústria está ocupando as melhores áreas agrícolas próximas do setor urbano.Assim,concluem, "a agricultura paulista sofrerá prejuízos cada vez mais sérios e insuperáveis". Em depoimento a um jornal de São Paulo, o usineiro João Guilherme Ometo,diretor da Usina de Açúcar de Santa Bárbara,e de mais seis propriedades rurais na zona de Piracicaba,diz:" O problema da mão-de-obra agrícola se torna cada vez mais difícil.Primeiro,porque todo mundo que pode vai embora para a cidade;segundo , porque não podemos pôr todos eles como colonos;terceiro,porque o pessoal do campo prefere trabalhar por dia (quando se pode ganhar até 20 cruzeiros num dia) do que ter carteira assinada e toda a segurança".Esse fazendeiro,que se julga um benfeitor dos bóias-frias por causa de pequenas concessões que lhes fez e por estar interessado em mudar o nome de bóia-fria através da utilização de marmitas térmicas,explica porque não pode pagar melhores salários:"Nós trabalhamos um produto barato,o açúcar.Por isso precisamos de mão-de-obra barata.O custo dos salários na lavoura representa 40% de nosso orçamento total, enquanto na indústria pesa apenas 12% (...).Um aumento dos salários,que garantiria a permanência do pessoal,poderia ser dado.Mas só com o apoio do governo".Termina pedindo a devolução do confisco governamental sobre as vendas do açúcar exportado.O poderoso usineiro quer a ajuda do Tesouro Público para concorrer com êxito na exploração da mão-de-obra,além,naturalmente,de esforços para racionalizar os métodos de trabalho e fazer avançar a técnica agrícola.

De sua parte, Médici,em relação aos assalariados agrícolas,usou e abusou da demagogia,excedeu-se em cinismo.Decantou,por meio da máquina de propaganda oficial,seu interesse pelo homem do campo.Deveras,serviu aos fazendeiros,pois é um deles.Ainda em sua derradeira mensagem ao Congresso Nacional,de 1º de março corrente,teve o descaro de assegurar que se empenhou em levar progressivamente os 15 milhões de trabalhadores da gleba,antes marginalizados,a"se incorporarem à sociedade de consumo".Disse que concedeu aposentadorias e pensões a um milhão e cem mil agricultores,através do PRO-RURAL, se bem que não dissesse a quanto montaram tais benefícios.Alardeou também que a legislação social foi estendida às zonas rurais.É claro que ninguém acredita nessa balela, mas não se pode contestar tais mentiras, dado o regime de censura e terror imposto pela ditadura militar.No entanto,os jornais da reação divulgaram,há pouco,que nas visitas realizadas ao interior do país,o futuro ditador de plantão,general Ernesto Geisel , confessou-se assombrado por encontrar assalariados de uma fazenda percebendo a metade e até um quarto do salário-mínimo em vigor.Aliás,no mesmo dia em que Médici dirigia ao Congresso a mensagem acima referida,o jornal "O Estado de São Paulo" noticiou que na fazenda Safira,dedicada ao reflorestamento no Vale do Ribeira, peões contratados com a promessa de ganhar 18 cruzeiros por dia e de utilizar serras modernas para as derrubadas,na realidade estavam percebendo 8 cruzeiros a seco ,isto é, sem alimentação,e sendo obrigados a trabalhar com machado.Nessa fazenda,segundo as denúncias dos trabalhadores,o regime é de trabalho escravo,igual ao vigente na maior parte da Amazonia,do Nordeste e de outros lugares. Qualquer falta implica na perda do pagamento do dia de serviço.O adminis

Continua na página 10

Continuação da página 9

trador coloca guardas armados para vigiar os trabalhadores,recolhe as botas assim que voltam da faina para evitar fugas.Mesmo assim, 50 deles já haviam conseguido escapar.

ESPOLIAÇÃO DESENFREADA

Pode parecer paradoxal, mas quanto mais se diz que falta mão-de-obra no campo e se fala de melhoria das condições de vida e trabalho dos bóias-frias, maiores são seus contingentes e mais dura e penosa sua situação.Acham-se ameaçados de degradação moral e física.Em Londrina,Maringá,Bandeirantes,Ribeirão Preto , Assis,Votuporanga,Presidente Prudente,Araçatuba e dezenas de outras cidades para onde se dirigem,tangidos pela miséria e em busca de trabalho, são vistos como indesejáveis, tratados como marginais,misto de miseráveis e bandidos.Muitos deles eram colonos das fazendas de café.Foram expulsos quando estas adotaram o trator e mudaram o tipo de cultura.De outro lado,a cidade oferecia-lhes uma nova perspectiva de vida.Desse modo, abandonaram os cafezais definitivamente. Eis como um cafeicultor de Palmital, em São Paulo, se manifesta: "Não há solução para eles,porque hoje em dia praticamente não existe mais a figura do colono, o homem que mora numa das casas da fazenda com a família, que o ajuda no serviço. Acontece que se a gente tiver uma família de colonos nas nossas terras,além das obrigações tem que dar comida e remédio e isso sai muito caro".A opinião de que as obrigações estatuídas na lei que visa a dar alguma proteção aos trabalhadores agrícolas são as verdadeiras culpadas pela origem dos bóias-frias está muito propagada entre latifundiários, refletindo seus pontos-de-vista e interesses. Ao mesmo tempo prova que o Estatuto do Trabalhador Rural e outras medidas de garantia ao assalariado do campo resultaram da luta dos próprios trabalhadores e das forças progressistas.

É em parte o que recorda o professor Nei Lopes Casali, antigo cafeicultor de São Paulo, atualmente do Paraná:"Lembro que, eu ainda rapaz,meu pai administrava uma fazenda de café (...)O trabalhador chegava para oferecer serviço e meu pai perguntava quantos filhos ele tinha e de quantos pés de café ele podia cuidar.Ele dizia e meu pai dava aquele tanto de roça para ele cuidar - Era uma tarefa que ele tinha:a de manter cuidados aqueles 500 ou 1.000 ou mais pés de café. Mas o pagamento não era feito só com dinheiro:em troca daquele trabalho , o dono da terra emprestava ao trabalhador um pedaço da fazenda.Tudo que ele plantasse naquele terreno era dele (...) Ou então,se praticava a cultura intercalar, o dono da terra permitia que o lavrador plantasse arroz, feijão ou outra qualquer coisa entre as fileiras do cafezal (...) Lembro que havia uma grande harmonia nas fazendas daquele tempo;não havia brigas como hoje..." .Como se vê, o fazendeiro está saudoso dos tempos em que tosquiava tranquilamente os colonos e suas famílias como senhor feudal, no regime de parceria.Essa gente anda nostálgica da época da escravidão, do tempo da "harmonia" que os generais querem fazer voltar mas não conseguirão.

O fato é que o sistema de colonato foi substituído pelo do trabalho "livre". Este significou um avanço social, representou a rutura com a velha dependência senhorial, com a servidão a que estavam submetidos os lavradores pobres. Não obstante, a espoliação que sofre o assalariado agrícola tornou-se mais intensa e brutal sob o sistema capitalista. Isto vem confirmar a tese marxista-leninista de que, qualquer que seja o sistema de produção no campo, à medida que se moderniza a velha estrutura agrária e o capital se apodera da agricultura conservando os restos feudais, mais complicadas se tornam as condições das massas camponesas e maior a opressão que se abate sobre elas.

Entretanto, essa situação não pode eternizar-se, como não se eternizou a escravidão negra. A ditadura militar, que realiza todas as infâmias possíveis para ajudar os latifundiários aburguesados e os imperialistas estrangeiros, sobretudo os norte-americanos, mais dia menos dia terá de enfrentar a luta de milhões de trabalhadores unidos em defesa de seus direitos e aspirações.Por enquanto, os bóias-frias suportam a cupidez e a arrogância dos exploradores e opressores, quase sem resistência. Há apenas alguns indícios de rebeldia, pequenas manifestações como a greve-tartaruga e outras pelo pagamento do salário-mínimo no campo, indenização por despedida, aposentadoria por invalidez, direito de se associar livremente e por outras reivindicações imediatas. Também cresce,

Continua na página 7